

**AMAPO**, Alfredo Tabo (2008). *El eco de las voces olvidadas – una autoetnografía y etnohistoria de los Cavineños de la Amazonía boliviana*. Edição de Mickaël Brohan & Enrique Herrera. Copenhague: IWGIA, 311 p.

Reconhecendo as transformações ocorridas em seu povo, decorrentes do processo “civilizatório”, devido ao contato com os missionários europeus durante o período de colonização do continente americano, Amapo (2008) tem por objetivo, neste livro, apresentar aos jovens de sua nação, e aos demais interessados, a história de seu povo: os Cavineños<sup>1</sup>. Sua meta, já anunciada no título “*O eco das vozes esquecidas*”, é preservar as inestimáveis histórias da tradição oral de sua gente, ignoradas pelas gerações mais púberes. Resultada de inúmeros anos de pesquisa e redação, a obra se divide em três grandes seções, e conta ainda com uma densa introdução (“Prólogo”, p. 12-45), escrita pelos editores, além de mapas e anexos. Muitas dificuldades enfrentou o autor até a publicação do livro, em 2008, cuja redação foi terminada ainda nos anos 1980<sup>2</sup>: da rechaça por alguns membros de seu grupo, até o desinteresse por parte das editoras. Como toda obra historiográfica, esta não é neutra, e nem dá conta da totalidade dos fatos, sendo, portanto, um recorte dos acontecimentos, segundo os critérios de seleção daquele que a narra. O texto está em espanhol, para atingir um número maior de leitores, e o próprio autor realizou as traduções dos textos em língua cavinenha.

A primeira parte, “*Los primeros tiempos*” (p. 55-150), é a mais rica e atraente àqueles que se interessam pelos mitos cavineños. O primeiro capítulo, sobre a criação do mundo e da humanidade, é bastante controverso, no entanto, pois oferece duas versões de “criação”, na cultura deste povo, refletindo a conversão do autor, e dos demais, ao Cristianismo, e as intervenções dos missionários em sua “visão de mundo”: a primeira criação, pelos *Educhi(s)*, divindades “indígenas”, e a segunda por Jesus Cristo, divindade cristã. Há inclusive uma narrativa sobre o encontro dos *Educhi(s)* com o verdadeiro Deus, nas palavras de Amapo. Além do mais, passagens bíblicas, tais como o grande dilúvio, possuem sua versão cavinenha. O capítulo explica o surgimento do Sol, a origem do sacerdócio e da bruxaria, e também dos povos vizinhos. Embora esteja intitulado “*Las enseñanzas de los educhi*”, o segundo capítulo, ao narrar mais alguns mitos, parece também ter influências cristãs, e poderia estar fundido ao primeiro. Segundo os editores (p. 22), tal trecho discorre sobre “*el tema de la naturaleza de las relaciones sociales entre los humanos, los animales y las antiguas divinidades indígenas*”, enfocando a antiga cosmografia dos cavineños. Já o terceiro, sobre as guerras, narra a memória dos conflitos com os povos vizinhos, devido a inúmeros ataques sofridos nestes primeiros tempos, que motiva posteriormente a mudança da missão para outro sítio, além de algumas práticas da época, como o canibalismo por parte de um grupo rival. O último capítulo oferece preciosos detalhes sobre a vida cotidiana neste período, apresentando informações sobre o território, a alimentação e os recursos materiais e econômicos, assim como a organização e as práticas sociais antes do contato com os brancos, tais quais as danças, o casamento, as crenças e os exercícios religiosos.

---

<sup>1</sup> Povo indígena que habita a região amazônica do Noroeste da Bolívia. A população fala a língua do mesmo nome da família linguística tacana. Outros membros dessa família são as línguas araoana, ese eija e reyesano (Nota do editor).

<sup>2</sup> Mesmo que no último capítulo e nos anexos haja informações posteriores a esta data, já que o autor tentara anteriormente publicar a obra, segundo os editores.

Com quatro capítulos, o processo “civilizatório” encontra-se narrado na segunda parte – “*Los tiempos de los misioneros, de la goma y de la esclavitud*” (p. 151-196) – que narra a chegada dos missionários franciscanos e o traslado e reorganização da Missão (Jesus de) Cavinas em outra localidade. As profundas transformações sociais estão descritas no capítulo seis, sobre as mudanças espirituais, sociais e culturais: na dimensão espiritual, a adoção do Cristianismo; no âmbito social, a instauração de uma nova forma de governo, com um chefe (cacique) nomeado pelo padre franciscano, além de novas festas (crists) e danças. Os capítulos sete e oito narram a respectiva chegada dos missionários da ordem *Maryknoll* e dos linguistas (e missionários evangélicos) do Instituto Linguístico de Verão (SIL). Nesta parte, narram-se alguns trechos trágicos, como a escravidão dos índios na atividade de extração da borracha, os castigos corporais dados pelos missionários aos “rebeldes”, e também a expulsão dos insurgentes, a epidemia de escarlatina (segundo os editores, dentre outras doenças) que dizimou considerável parcela da população indígena, e um incêndio na Missão, que a destruiu, sem nenhuma morte, no entanto.

O momento atual é descrito na parte “*Los nuevos tiempos: el reencuentro de los cavineños*” (p. 197-205), com dois pequenos capítulos cujos títulos autoexplicam o seu lamentável conteúdo: “abandonados a nossa sorte” e “a luta pela terra e território”. Aqui está narrada a usurpação das terras indígenas pelo exército boliviano, e a negociação de seu legado pelos padres, resultando no término da Missão por volta de 1974 e no subsequente êxodo populacional. O último capítulo, sobre a luta pela reconquista de suas terras, leva-nos a crer que os Cavineños continuam dispersos e sem territórios. Inflamado, o autor lembra os inúmeros abusos sofridos pelos índios, por parte dos brancos e dos missionários, a exploração de sua mão de obra e a tomada de seus bens, o que suscita a eterna dívida da sociedade industrializada com as sociedades indígenas, retomando o debate sobre o modo desrespeitoso como, ainda no século XXI, tratamos nossos índios, também aqui no Brasil.

Como supramencionado, os editores Brohan & Herrera acrescentam ao original de Amapo seletos comentários no “*Prólogo*”, fundamentais para a compreensão de alguns pontos controversos do livro. Funcionando como uma introdução ao texto, os editores suplementam a obra com algumas análises dos mitos e episódios apresentados e fontes bibliográficas, além da síntese dos capítulos e explanações sobre o escrito. Uma questão interessante abordada é a delimitação da origem dos Cavineños (p. 32-33), uma vez que segundo Amapo, reproduzindo o que afirma a tradição, os Cavineños sempre constituíram um único grupo étnico (p. 94, 114). Contudo, os documentos registram que este povo é resultado da junção de alguns grupos indígenas reunidos por volta da segunda metade do século XVIII na redução franciscana nomeada “*Misión Jesús de Cavinas*”. Afirmam os editores que as sociedades amazônicas deste modo, como qualquer outra sociedade, manipulam os fatos do passado apresentando-os conforme gostariam que houvesse acontecido, reconhecendo neste sentido que Amapo se preocupa em nos oferecer a visão compartilhada socialmente por seu grupo.

Na seção “*Notas de los editores*” (p. 206-280), Brohan & Herrera igualmente acrescentam oitocentas e onze notas explicativas, muito úteis aos não-familiarizados com os elementos culturais e termos da língua dos Cavineños, e também referências bibliográficas e comentários acerca da ilustração dos fatos, realizada pelo autor. Infelizmente, por estarem ao término do texto, como notas de fim, e não de rodapé como costumeiro, a leitura se torna em alguns momentos incômoda, uma vez existente a constante necessidade de se remeter às últimas páginas para ler alguma informação relevante. Embora os editores

justifiquem esta opção no prólogo (p. 45), afirmando que tais informações se dirigem aos leitores pouco ou nada iniciados à cultura cavinha, na ocasião de uma nova edição, sugeriríamos que tal opção fosse revista, pelas razões mencionadas.

Em “*Anexos*” (p. 282-291) estão diversas tabelas, contendo os nomes científicos dos animais e plantas citados, a listagem dos missionários presentes na Missão Cavinha, do século XVIII ao século XX, informações cronológicas sobre a demografia dos cavinhos, e dados sobre localizações dos assentamentos e quantidade de membros na atualidade (por volta dos anos 2000). Segue-se, nas últimas páginas do livro, a lista de ilustrações presentes ao longo da narrativa, e também a bibliografia utilizada.

Por ser escrita por um membro do grupo social em questão, a obra se torna muito importante. Poucos são os trabalhos sobre índios realizados por eles mesmos, e deste modo, Amapo realiza um respeitável feito, preservando e transmitindo a cultura de seu povo. Alguns pontos, entretanto, são de certo modo questionáveis, como o posicionamento cristão do autor, e seu juízo sobre a maneira como seus antepassados viviam, presentes em afirmações como já na primeira linha de seu texto “*Al principio, en los primeros tiempos, nuestros antepasados no conocían al Dios verdadero*” (p. 56). Um trecho, todavia nesta temática, também polêmico é desenvolvido no capítulo 7, quando o autor conta sobre sua expulsão (p. 185), ainda que abusiva por parte dos padres, e sua posterior conversão ao Protestantismo. No capítulo 8, o autor defende o trabalho dos missionários evangélicos, do Instituto Linguístico de Verão (SIL), com os quais ele próprio trabalhou como tradutor e/ou colaborador<sup>3</sup>, e foi novamente expulso em 1977 (p. 195). Neste trecho, Amapo critica as práticas religiosas não cristãs, exercidas por alguns membros de sua comunidade, inclusive concordando com os missionários que os chamavam de bruxos, e diziam-lhes que “ardiriam no inferno”. Se desejarmos ser respeitados por nossas diferenças culturais, temos também que as respeitar. Uma obra científica talvez não seja um meio apropriado para discutir a religiosidade com base em suas próprias convicções, não ao menos como produzimos ciência atualmente, e talvez nesse sentido o autor tenha recebido críticas: seu posicionamento evangélico é evidente ao longo da publicação.

Mesmo assim, como afirmado anteriormente, o livro é conveniente por preservar a memória coletiva destes índios, que tanto sofreram pelo abuso dos brancos. Ademais, a leitura é bastante agradável, apesar da localização das notas de texto, e a obra é produto de inúmeros e árduos anos de pesquisa em diversas fontes documentais. Assim, “*El eco de las voces olvidadas*” é um significativo estudo para os interessados na história social dos Cavinhos, produzido em uma perspectiva interna, ou seja, por um de seus membros. Deveríamos prover meios para que mais indígenas pudessem contar a história a partir de sua própria ótica, não deixando silenciarem as vozes de seus antepassados.

**Adan Phelipe Cunha**  
PG-FFLCH/USP (adancunha@usp.br).

Recebido 21/9/2010

Aceito: 11/10/2010

---

<sup>3</sup> O trecho não permite inferir qual das duas funções Amapo exercia.